

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CAMILLA SEREJO DE FARIAS

**ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO:
O USO DA ARTE E DO DELÍRIO PARA VIVER**

NATAL – RN
2016.1

CAMILLA SEREJO DE FARIAS

**ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO:
O USO DA ARTE E DO DELÍRIO PARA VIVER**

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Artes Visuais (sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Braga e Vaz da Costa).

NATAL - RN
2016.1

CAMILLA SEREJO DE FARIAS

**ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO:
O USO DA ARTE E DO DELÍRIO PARA VIVER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Artes Visuais, sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena Braga e Vaz da Costa.

Aprovado em: __/__/____

Coordenação do curso de Artes Visuais

Considerações: _____

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: O USO DA ARTE E DO DELÍRIO PARA VIVER

Resumo

Este trabalho é uma pesquisa na área de arte e loucura, arte e psicologia, arte-terapia e arte contemporânea. O objeto de estudo é o artista visual brasileiro, sergipano, diagnosticado como esquizofrênico paranóico, Arthur Bispo do Rosário. Buscou-se nesta pesquisa compreender a relação entre arte e loucura, conhecendo e analisando a vida do artista, para compreender questões relacionadas às obras de Bispo do Rosário no contexto da arte contemporânea, localizando-as em seu tempo e espaço histórico. Conceitos como o de Arte Bruta e Arte Virgem são discutidos aqui na intenção de enriquecer a discussão e problematizar a questão: “Esquizofrênicos podem ser artistas?”. Aqui, também são discutidas questões relacionadas à psiquiatria em voga na época de vida de Bispo do Rosário, o estado dos manicômios, – como o aquele em que Bispo passou quase toda sua vida –, os tratamentos, a lobotomia e o choque elétrico, para contextualizar o trabalho de Nise da Silveira e a arte-terapia.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Arte-Terapia; Arte Virgem; Arthur Bispo do Rosário; Esquizofrenia; Psicanálise; Psiquiatria.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à todos que me ajudaram na Construção dessa pesquisa, tanto com conteúdos como emocionalmente. Agradecer em particular à minha orientadora, Maria Helena Braga e Vaz da Costa por ter sido sempre tão solícita, ter apoiado minha pesquisa e ajudado a dá-la uma direção; à minha amiga Dora Bielschowsky, que se fez tão presente nesse momento, ajudando de todas maneiras possíveis; e por último aos meus pais por terem me apoiado sempre.

LISTA DE IMAGENS

Fig. 01 – Obra de Arthur Bispo do Rosário, barco feito de material reciclado do Hospital Juliano Moreira. Fonte: <<http://www.revistaplaneta.com.br/o-evangelho-do-bispo/>>.

Fig. 02 – Arthur Bispo do Rosário usando o seu Manto da Anunciação. Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2012/11/bispo-do-rosario.html>.

Fig. 03 – Registro de jornal com evidências da vida de Boxeador de Arthur Bispo
Fonte: <<http://www.encontrocampofreudiano.org.br/2014/10/trauma-intercessao-entre-o-publico-e-o.html>>.

Fig. 04 – Vinte e um veleiros – Arthur Bispo do Rosário. Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>>.

Fig. 05 – Ficha de Doente de Arthur Bispo do Rosário. Fonte: <<http://www.50emails.com.br/obra-de-arthur-bispo-do-rosario-vale-ida-a-bienal/>>.

Fig. 06 – Bispo do Rosário, de espada em punho, em sua “cama-nave” adornada.
Fonte:<http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/as_artes_de_arthur_bispo_do_rosario.html>.

Fig. 07 – Obra de Arthur Bispo do Rosário na 30 Bienal de Arte, no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, 2012.
Fonte:<<http://entretenimento.uol.com.br/album/2012/09/03/confira-fotos-da-30-bienal-de-arte-de-sao-paulo.htm#fotoNav=28>>.

Fig.08 – Museu de imagens do inconsciente em 2013. Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/embriaguez_artistica/2013/03/uma-visita-ao-museu-de-imagens-do-inconsciente.html>.

Fig.09 – Nise da Silveira e C. G. Jung na inauguração da exposição do Museu do Inconsciente, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique - 1957. Foto: *Almir Mavignier*. Fonte: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/encontro-com-jung.php>>.

Fig. 10 – Arthur Bispo do Rosário segurando um dos seus estandartes, onde ele através dos seus bordados retratava pedaços de “suas vidas” e do seu imaginário, criando um narrativa enviesada. Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/promiscuidade_artistica/2014/04/arthur-bispo-do-rosario-a-salvacao-pela-arte.html>.

Fig 11 – Roda da Fortuna – Arthur Bispo do Rosário. Fonte: <http://louborghetti.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>.

Fig. 12 – Roda de bicicleta – Marcel Duchamp (1913). Fonte: <http://louborghetti.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>.

Fig. 13 – O Manto da Anunciação. Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2012/11/bispo-do-rosario.html>

Fig. 14 – Manto da Anunciação por dentro. Fonte: <http://www.editoradobrasil.com.br/portal_educacional/fundamental2/projeto_apoe_ma/portugues/capa.aspx>.

SUMÁRIO

RESUMO	04
LISTA DE IMAGENS	06
INTRODUÇÃO	09
1. ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	12
1.1 SUA VIDA ANTES DE SER MESSIAS	13
1.1.1 Japarutuba, sua cidade natal	13
1.1.2 Vida no mar	15
1.1.3 A passagem	18
1.2 SUA VIDA DEPOIS DA PASSAGEM	20
2. ARTE BRUTA E ARTE VIRGEM	23
2.1 ARTE BRUTA	23
2.2 ARTE VIRGEM	25
3. ARTE-TERAPIA - NISE DA SILVEIRA	27
4. ARTE CONTEMPORÂNEA – VANGUARDA	32
5. ANÁLISE DE OBRA: MANTO DA ANUNCIACÃO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIA	44
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

“É sempre contra a corrente que a arte tenta operar de novo seu milagre”
(Jacques Lacan)



Fig. 01 – Obra de Arthur Bispo do Rosário, barco feito de material reciclado do Hospital Juliano Moreira.

Fonte: <<http://www.revistaplaneta.com.br/o-evangelho-do-bispo/>>

Esta pesquisa trata de entender como as expressões artísticas são importantes e podem ajudar - em tratamentos psiquiátricos (ou não) - na vida e experiências dos pacientes esquizofrênicos. O objeto de estudo neste trabalho é especificamente o artista brasileiro esquizofrênico, Arthur Bispo do Rosário.

Buscou-se aqui encontrar em sua vida respostas para como, mesmo que inconscientemente, a arte foi necessária para a sua caminhada.

O interesse pela relação psicologia e arte surge na tentativa de entender uma questão muito básica, mas ainda assim pouco compreendida da arte: o porquê de criar, o que leva as pessoas durante toda sua existência em meio às dificuldades, desde sobrevivência na natureza ou até hoje em meio às selvas de pedras e ao caos das civilizações urbanas, sempre reservar um tempo, ou mesmo que sem querer, sempre, em diversas circunstâncias sentir a necessidade de expressar-se através de criações plásticas, performáticas ou sonoras, entre outras. Vários filósofos como Schiller (*A Educação estética do homem*, 1989), Deleuze Guattari (*Kafka: Por uma literatura menor*, 1977), entre outros, já tentaram justificar a utilidade da arte, e a própria arte já se deu várias utilidades durante a história. Mas e se pensarmos que nós criamos inconscientemente utilidades para ela, porque ela é na verdade necessária pra nossa vida?

A arte está ligada ao sentir, à sensibilidade diante do mundo em que estamos. Ela é do reino da água, da profundidade, do inexplicável. É como se qualquer um que pudesse e quisesse sentir fosse capaz de produzir obras de arte; inclusive os “loucos”. Na verdade, quem melhor que eles pra exemplificar algo sobre o inexplicável e profundo sentido do criar? O louco é justamente aquele que a sociedade não consegue entender ou explicar – fala-se aqui da esquizofrenia, como em toda pesquisa, quando se trata da figura do louco – e é nesse momento da reflexão que surge o interesse nesse grupo marginal, que é marginalizado pela ignorância de quem os observa, assim como acontece várias vezes com a própria arte. Em meio a esse contexto surge a imagem de Arthur Bispo do Rosário, brasileiro, que não só era louco e artista, como era um artista que chegou a ser reconhecido e por mais estranho que possa parecer: Ele não se acreditava enquanto artista, mas sim como messias. E aí algo começa a soar estranho mesmo, difícil de entender, e talvez por isso se classifique tão bem como arte.

Entendendo o ser humano como um ser completo, de consciência, corpo e inconsciente, recorre-se a diferentes linhas de pensamentos da psicologia, como a psicanálise, a teoria da Gestalt, arte terapia, além de estudiosos da psiquiatria

para auxiliarem nessa pesquisa em busca de identificar possíveis compreensões do porquê da produção artística do Bispo. Ela com certeza foi necessária à sua vida, mas ele realmente dependia dela para viver? Essa pesquisa teve como objetivo contribuir para estudos dessas áreas, para o entendimento da arte em si, e para ressaltar o que o fazer artístico pode trazer a tratamentos clínicos com pacientes esquizofrênicos, o uso da arte-terapia para melhorar as condições de vida desses pacientes, tão pouco compreendidos em nossa sociedade.

A pesquisa objetivou estudar a “arte-loucura” no Brasil, mais especificamente a arte-terapia desenvolvida por Nise da Silveira, entender sua relação com a psicanálise e os trabalhos de Carl Gustav Jung. Conhecemos e analisamos a vida do artista visual Arthur Bispo do Rosário, interpretando como a arte exerceu um importante papel em sua vida inclusive ajudando-o a viver, lidar com sua condição psíquica e colocar-se no mundo.

Para isso usamos como principal bibliografia para pesquisa do objeto de estudo, os autores: Martha Dantas, Luciana Hidalgo, José Castello, Pátricia Burrowes, Rita de Cássia Jimenez, Stefanie Franco, entre outros; já para aprofundamentos em algumas outras áreas necessárias já citadas usamos autores como: Jean Dubuffet, Michael Foucault, João Augusto Frayze-Pereira, Mário Pedrosa, Nise da Silveira, Kátia Canton, e outros que deram embasamento nas áreas de arte-terapia, psicologia, psicanálise, estética e arte contemporânea. O trabalho se desenvolveu através da leitura de obras destes autores, produção de fichamentos, seguido de análise crítica de conteúdo do objeto de estudo – sua vida e obra –, para relacioná-lo com a bibliografia estudada e alcançar os objetivos de pesquisa.

1. ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO



Fig. 02 – Arthur Bispo do Rosário usando o seu Manto da Anunciação.

Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2012/11/bispo-do-rosario.html>

Arthur Bispo do Rosário não se considerava artista, porém alguns críticos de arte o consideram. De acordo com textos visitados, ele se encaixa bem na noção de artista bruto de Jean Dubuffet; que implica em artistas que criam exclusivamente a partir de seu interior, de sua profundidade. Sem nenhum ou raro contato com os cânones da arte, são pessoas alheias à cultura artística, autodidatas e livres de qualquer influência de estilos ou imposições do mercado de arte.

Bispo nem se quer se considerava um artista, e provavelmente não teve nenhum contato com as vanguardas contemporâneas a ele, mas por algum motivo difícil de explicar, estava sintonizado com o que tinha de mais moderno na arte de sua época. Por mais que não se considerasse um, e produzisse por qualquer outro que fosse o motivo, se teve uma coisa que fez incessante e incansavelmente durante quase toda a sua vida foi produzir suas obras com uma dedicação louvável e admirável por qualquer grande mestre das artes.

Apropriando-se de alguns termos e idéias de Martha Dantas percebo que Bispo sabia exatamente por que fazia aquilo, dentro da sua ilusão e da poética que criou do seu próprio “eu”, era um messias que no ano de 1938 foi chamado e convocado por anjos enviados pelo Todo-Poderoso para seguir sua missão na terra. Missão de recriar um mundo em miniatura para o dia do juízo final, onde ele estaria aqui para julgar vivos e mortos. E desde então até que o dia da passagem chegasse, Bispo dedicou sua vida à sua missão.

1.1 SUA VIDA ANTES DE SER MESSIAS

Pode-se voltar ao início da sua vida, para entender o que aconteceu até a chegada do dia de sua experiência mística, que lhe alterou a vida para sempre. Nas pesquisas encontradas sobre a vida do Bispo há muitas divergências, alguns fatos e datas meio incertos; o próprio chega a distorcê-los enquanto vivo.

Considerando principalmente Martha Dantas, com o seu Livro *Arthur Bispo do Rosário: A poética do delírio* (2009) e Luciana Hidalgo, *Arthur Bispo do Rosário: O senhor do labirinto* (1996), Bispo nasceu em 1909 em Sergipe, numa cidade chamada Japaratuba; não foi sequer registrado em cartório, mas alguns meses depois foi batizado. São dos registros de batismo que é retirada a data do seu nascimento.

1.1.1 Japaratuba, sua cidade natal

Japaratuba, sua cidade, tinha várias características em comum com várias outras cidades do interior do nordeste, um catolicismo marcado no sangue do seu povo, além de uma economia baseada na cana de açúcar. Mas há outros fatos da

cidade que são mais interessantes: a forte presença de negros em sua população; uma cultura de festas, marcada pela herança de ritmos e danças africanas, como era o caso de uma festa específica que acontecia todos os anos ali e que Arthur Bispo chegou a presenciar várias vezes. A festa do reisado – do dia de reis – era quando escolhiam um rei e rainha negros para serem coroados, que se vestiam com mantos majestosos, exuberante e bordados.

“O Arthur de calças curtas viveu num tempo de procissões, quadrilhas e desfiles. As festas começavam com semanas de antecedência, nos dedos ligeiros das costureiras que cerziam as roupas dos folguedos [...] Os bordados eram a mais perfeita tradução da cultura de Japarutuba [...]”
(HIDALGO, 1996, p.38)

O bordado era muito forte na cultura de seu local de origem, e é uma das características mais fortes da arte do Bispo, por exemplo, o Manto da Anunciação que é considerado a obra mais importante do seu acervo e consiste em um manto todo bordado, majestoso e exuberante como o usado pelo rei no dia de reis em sua terra natal. Todo o legado do folclore dessa tradição da cultura negra católica é carregado com o Bispo inserido e recriado em sua arte.

Apesar de Arthur Bispo não ter falado muito sobre seu passado, eram as referências de Japarutuba que ele carregou nas suas obras e até mesmo no seu delírio. A população de lá seguia à risca as leis da bíblia, as palavras do padre na missa, a agenda da semana santa, os jejuns da quaresma. Não é de se estranhar que o menino que cresceu nessa cultura tenha no futuro em seus delírios temas tão religiosos, que escutasse sua mãe Virgem Maria lhe falar sobre jejuns e conservadorismos tão fortes se tratando da imagem da mulher, que ele tenha em seu delírio de grandeza se retratado como um messias e buscado incessantemente durante a vida salvar as almas dos homens. Bispo podia até não se lembrar bem da sua infância na cidade do interior de Sergipe, mas ela estava

em seu subconsciente muito viva e atuando em sua vida, em seus bordados, em seus temas e até em seu delírio.

1.1.2 Vida no mar

Em fevereiro de 1925, com 15 anos, acompanhado do seu pai, se alistou na escola de aprendizes de marinheiro em Aracajú, capital de Sergipe. Um ano mais tarde é transferido para o *Quartel Central do Corpo de Marinheiros Nacionaes de Villegagnon*, no Rio de Janeiro, e depois disso nunca mais retornará ao nordeste em terra. Bispo segue sua carreira de marinheiro por muitos anos, embarca em muitos navios, atravessa muitas águas; morou nos barcos em que trabalhava, rodou pelo litoral do Brasil e conheceu o cárcere de viver na solitária do mar. Bispo chegou a ser promovido a sinaleiro-chefe-B, onde aprendeu sobre comunicação Morse e conheceu as bandeiras bicolores e seus simbolismos, que marca algumas de suas obras no futuro.

Ao examinar seus registros, Hidalgo (1996) afirma que Bispo parecia fazer um bom trabalho, exceto por algumas punições constantes por insubordinação; e chega até mesmo a ser preso, uma única vez em solitária no ano de 1929, por oito dias. Há também registros de uma passagem pelo hospital da marinha em 1930, mas não há referência ao motivo de sua internação. Chega a ser promovido de novo em 1931 por antiguidade e em 1933 é expulso, mas novamente não existe nenhum registro que explique ao certo o motivo real de sua expulsão. Uma das conclusões que se pode chegar é a de que Arthur Bispo era um pouco rebelde para os moldes de um exercício tão disciplinar como o da marinha.

Há registros mais antigos de que Arthur contava ser boxeador no seu período de marinheiro, existe em alguns dos seus bordados informações sobre isso, além de que, ele nunca deixou de contar (com muito orgulho) suas conquistas no boxe no decorrer de sua vida inteira, e pelo o que dizia chegou até mesmo a conquistar uma fama na área.

Há no livro de Martha Dantas um capítulo dedicado à fase de marinheiro de Arthur Bispo, onde ela faz uma análise muito interessante entre o marinheiro, o arquétipo de aventureiro e a ligação entre eles que é a água. A água que pode ser



Fig. 03 – Registro de jornal com evidencias da vida de Boxeador de Arthur Bispo

Fonte: <<http://www.encontrocampofreudiano.org.br/2014/10/trauma-intercessao-entre-o-publico-e-o.html>>

entendida simbolicamente como fonte de loucura, “A loucura é filha do mar”. A ligação da água com a loucura não é nova, já era conhecida do livro de Michael Foucault, *A história da loucura* (1997), onde se trata essa relação através da história da “nau dos loucos”; quando, na passagem do século XV para o XVI, estava ocorrendo uma dominação da loucura, e ela começa a ser entendida e analisada sob o âmbito da razão. É neste momento que surgem as naus – que viriam a se tornar tema de muitas obras de arte mais tarde. Os loucos embarcariam nela para uma viagem sem destino, que passeava entre cidades e tornava o mar o lar desses ditos loucos, dessa maneira livrando as cidades dos infortúnios que estes traziam. E eram justamente os marinheiros os encarregados por essa missão de dar ao louco um destino.

Essas naus existiram de verdade e além do seu valor prático de higienização das cidades, há também um valor simbólico de colocar os insanos

dentro de uma navegação sem destino, à procura não só de um caminho, mas à procura também da razão, para poder se encaixar num destino.



Fig. 04 – Vinte e um veleiros – Arthur Bispo do Rosário.

Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>>

Mas que razão esses loucos iriam encontrar defrontados com o infinito das águas do mar, capaz de deixar qualquer homem em plena razão enlouquecido? Essa analogia remete a uma comparação com os hospitais psiquiátricos que são criados algum tempo depois: um lugar para esconder estes marginais sem razão da sociedade, com uma promessa de busca pela cura, busca pela razão, mas é na verdade um ambiente completamente insalubre de saúde, capaz de levar também qualquer homem a insanidade.

A experiência de viver no mar, como a que o Bispo viveu quando marinheiro, e que os loucos viveram também nas naus, é retratado por Martha Dantas:

O grande *in-finito* que se estende no horizonte, com suas ondas borbulhantes, sua inconstância, sua profundidade e sua brisa marítima, é sempre água viva, cujo destino é

entorpecer-se, torna-se pesada. Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer, e contemplar a água é dissolver-se, escoar-se; é morrer. (Dantas, 2009, p.26.)

1.1.3 A passagem

Dantas traz a morte como uma passagem, uma diluição, a perda do Eu primeiro, indivíduo, para o nascimento de um novo eu. É uma experiência como essa, transcendental e profunda que passa Bispo alguns anos depois de sua estadia na marinha, no mar, envolto de águas profundas. Onde talvez já tenha começado sua morte, e renascimento para o novo eu – não indivíduo – que se tornará depois do acontecimento no ano de 1938. Quando ele já tinha saído da marinha e trabalhava como doméstico “faz-tudo” na casa da família Leone, uma família rica do Rio de Janeiro, que iria acompanhar a vida do Bispo por um longo tempo. Bispo conhece o senhor Leone após sofrer um acidente numa empresa que ele trabalhou assim que saiu da marinha, A Light, a companhia de energia elétrica do Rio de Janeiro. Segundo Hidalgo, ele trabalhou no Departamento de Trações de Bondes da Viação Elxcelsior, dos anos de 1934 até 1937, quando é demitido por insubordinação novamente. Em 1935 sofre um acidente de trabalho e no ano seguinte sofre outro, após ser demitido é que conhece o seu futuro chefe, Humberto Leone, advogado que lhe ajuda a conseguir uma indenização pelos seus acidentes e o contrata como doméstico logo em seguida.

Era semana de Natal do ano de 1938 quando Bispo vive sua experiência de morte transcendental. Castello, no seu artigo “Arthur Bispo do Rosário: Mordomo do apocalipse” (1999), relata ter visitado Arthur Bispo no Manicômio Juliano Moreira, que fica no Rio de Janeiro, no ano de 1985, e lá Bispo relata a Castello como foi essa sua experiência transcendental de passagem; Disse estar no quintal da casa da família Leone numa noite e ter recebido de surpresa a visita de 7 anjos transparentes, flutuando envoltos de uma luz azulada, que vieram até ele. Conta também que chegou a pensar que era um sonho, mas que os sentidos tornavam o momento muito real e presente para ser apenas um sonho, os anjos vieram e lhe fizeram uma revelação, disseram: “Você é o salvador”, “Os homens

correm grande perigo. O fim se aproxima”. Depois disso os anjos partiram deixando para Bispo algumas evidencias na natureza de que eles realmente passaram por ali, como cachorros, galinhas e pássaros agindo de forma inesperadas após os anjos se retirarem. Depois disso Bispo nunca mais será o mesmo. Abandona seu Eu-indivíduo, de doméstico da família Leone, ex-marinheiro, ex-boxeador, e começa sua nova vida, nasce como um novo Eu-Messias, e podemos dizer também seu novo Eu-artista, apesar da sua negação.

Nesse momento da experiência Bispo foi iluminado com uma missão que carregaria com afinco e energia pelo o resto de sua vida. Ainda conta a Castello que em um momento na partida dos anjos ele sente sua santificação com uma cruz de fogo lhe riscando as costas até que toda a luz dos anjos penetram nele. Depois disso tudo ficou muito claro para o Bispo, e foi a partir daí que ele também começou a ouvir vozes mandando ele seguir sua missão, as vezes na forma da sua mãe “Virgem Maria”, as vezes só vozes, vozes duras e assertivas mandando-lhe seguir na missão, e até o fim de sua vida ele irá ouvi-las. Voltando a noite de sua passagem, Bispo sai em caminhada sem destino, perguntando-se para onde devia ir e o que fazer, passou dois dias perambulando sem destino, sem dormir nem comer direito, sendo vigiado pelos anjos e vozes, entrando em diversas igrejas e capelas, tentando convencer a crentes e padres de que ele era o novo Salvador. Até que seguiu a Igreja da Candelária, templo católico do Rio de Janeiro, onde repetiu os fatos, mas uma senhora dessa vez não ouviu calada e mandou expulsá-lo da igreja, um pouco depois foi encontrado por policiais que ao ver seu estado mandou-o pela primeira vez a um manicômio. Bispo fala sobre o acontecido a Castello: “Eu tinha me transformado no que não podia mais ser entendido”. Segundo Castello o diagnóstico da loucura foi bom para o Bispo:

“O diagnóstico da loucura, que a princípio parece cruel, deu-lhe, porém, a chance de se transformar num artista. Internado no Hospital Nacional dos Alienados, na Praia Vermelha, ainda na véspera do Natal, Bispo começou seu percurso místico, em que loucura, salvação e arte estavam dramaticamente associados. O diagnóstico dos médicos

enquadrava-o na categoria dos “esquizofrênicos-paranóicos”. (Castello, 1999, p. 298-299)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE (Ministry of Education and Health)
SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS (National Mental Illness Service)
COLÔNIA JULIANO MOREIRA (Juliano Moreira Colony)

FICHA DE DOENTE
(Patient record)

NOME ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO
(Name)

Idade 27 anos (27 years)
(Age)

Côr preta (black)
(Color)

Classe indigente (indigent)
(Class)

Entrada 6 de janeiro de 1939 (6 January 1939)
(Date of entry)

Matrícula 01662
(Registry No.)

Diagnóstico esquizofrenia paranoide (Paranoid schizophrenia)
(Diagnosis)

Saida
(Release)

Falecimento 5 de julho de 1989 (5 July 1989)
(Date of death)

Fig. 05 – Ficha de Doente de Arthur Bispo do Rosário.

Fonte: <<http://www.50emails.com.br/obra-de-arthur-bispo-do-rosario-vale-ida-a-bienal/>>

1.2 SUA VIDA DEPOIS DA PASSAGEM

O agora Bispo-Messias continuou seu trabalho no casarão dos Leone. Após sair do Hospital Nacional dos Alienados ainda foi transferido para a Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá, antes de voltar a residência dos Leone, onde foi sempre muito bem acolhido, entre idas e vindas do segundo manicômio, que ele passaria a considerar sua segunda casa e onde ainda seria internado diversas vezes no decorrer da sua vida. Além de uma passagem pelo Hospital Pedro II, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro de onde seria novamente transferido para a Colônia Juliano Moreira. Mas agora não importando onde estivesse, sempre dedicava todo seu tempo livre à produção intensa do seu novo mundo, que era sua missão.

Ainda chega a trabalhar mais tarde como vigia na clínica Amiu, do médico Avany Bonfim, cunhado Sr. Leone, até um dia já perto dos seus 50 anos, em que ele entra na Colônia para nunca mais sair. Bispo foi parar na clinica quando o senhor Leone percebe muito instabilidade emocional nele e percebe que ele já

não pode permanecer dentro de sua casa, arrumando assim um emprego na clínica para o manter ocupado. Lá ele trabalhará de pedreiro, marceneiro e vigia em troca da moradia e comida, nunca de dinheiro, pois segunda Dantas, ele dizia que a sua mãe a Virgem Maria o aconselhava a ficar longe de dinheiro, bebida e fumo, além de o aconselhar a dietas alimentares extremas. Bispo morou no sótão da clínica, que tinha um espaço razoavelmente grande e foi rapidamente transformado em um ateliê e ocupado por muitas obras.

Até que um dia é convidado a retornar para a Colônia, sem reclamar, mas com tristeza se vai para nunca mais voltar. Foram preciso dois caminhões para levar todas suas obras na mudança, chegando lá se aloja no mesmo lugar onde já tinha ficado, o pavilhão 11, que ele chama de quarto-forte e que ele faz de lar. É a partir daí que emerge cada vez mais fundo nas águas profundas do seu delírio, em meio a uma produção artística gigantesca, o que leva a crer que o ajudou a sempre manter a comunicação plena com os outros, a relatar sua vida mesmo que misturada ao delírio, do novo Eu. Além de que sempre que pôde se manteve atualizado do mundo através de jornais e revistas, mesmo no seu período de maior reclusão na Colônia. Prova de que ele nunca se desligou completamente da realidade. Hidalgo afirma que bispo vivia como dublê de funcionário e de paciente, pois ele no decorrer dos anos foi ganhando a confiança e a amizade dos funcionários dali. Quando estava em suas fases sociáveis, ele ajudava os funcionários na manutenção da ordem do pavilhão, impedia que os pacientes brigassem, reprimia os violentos, ajudava a medicar o mais resistentes. Bispo vivia num limbo de lucidez e delírio, mas conquistou respeito dentro do seu pavilhão da Colônia, era chamado de Xerife e podia “fazer o que quisesse” ali dentro, os funcionários lhe traziam material para sua produção, ele recusava remédio, se internava no seu quarto-forte por meses, sem ver luz ou pessoas, jejuando e produzindo o seu mundo encantado.

“Essa imagem construída por ele lhe conferiu não apenas prestígio, mas também dignidade. Não era mais um dentro daquele lugar. Era um ser diferenciado, dono do seu nariz.

Alguém que produzia, dentro de um espaço onde ninguém podia ter vontade própria. Essa posição lhe salvou do estado de torpor que as medicações lhe causavam quando ingeridas, e que o impediam de produzir. Não podia ser domado pelas mãos humanas, tinha uma missão divina a cumprir.” (JIMENEZ, 2008, p. 26)

Em um dado momento a Colônia passou por alguns reajustes e o bispo se mudou para o pavilhão 10, onde continuou com direito a seu quarto-forte. Segundo Castello quando o visitou ele tomava conta de várias celas, onde ia-se entrando e encantando com um mundo gigantesco de obras feitas com objetos do dia-a-dia, como canecas, baldes, colheres, vassouras, potes, tecidos, pentes, papelão, plásticos, tudo que ele encontrava e achava ser digno de participar do seu dicionário pra um mundo pós-apocalíptico. Arthur Bispo construiu e chamou Castello para conhecer sua cama-nave para a passagem, que era onde ele deveria estar no dia da sua morte para seguir viagem para o dia do apocalipse.



Fig. 06 – Bispo do Rosário, de espada em punho, em sua “cama-nave” adornada.

Fonte: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/as_artes_de_arthur_bispo_do_rosario.html>

2. ARTE BRUTA E ARTE VIRGEM

“Por não estarem contaminados com tendências, influências, receitas e teorias, e a despeito de sua esquizofrenia e mesmo de certa forma beneficiados por ela, por que não dizer! Estavam livres para usar em sua obra aquela fantástica, poderosa e até então aprisionada riqueza de vivências e imagens, com seus símbolos e arquétipos emergindo do inconsciente com força, superioridade e presença suficientes para suprir a necessidade vital de comunicar.” (PALATNIK, 2000, p. 157 apud JIMENEZ, 2008, p.28)

Segundo Franco (2011, p.12), os conceitos de arte psicopatológica, criada por Robert Volmat; *Brut art* por Jean Dubuffet; Arte virgem por Mário Pedrosa; *Outsider art* por Roger Cardinal; Imagens do inconsciente por Nise da Silveira, tiveram contextos criações diversos, mas apesar disso todos buscam caracterizar a arte dos indivíduos “não artistas” e que teriam a capacidade de produzir uma estética mais “pura” ou virginal em relação à técnica ou aos conhecimentos artísticos. Neste capítulo será tratado especificamente da arte bruta e virgem, mais pra frente também será falado de Nise da Silveira com as imagens do inconsciente.

2.1 ARTE BRUTA

Como já dito *Arte Bruta* e *Arte Virgem* são dois termos que passeiam pelo mesmo ambiente, o primeiro criado pelo artista e filósofo francês, Jean DuBuffet e o segundo pelo crítico de arte brasileiro, Mário Pedrosa. A *arte bruta* é a arte produzida por artistas autodidatas e livres de qualquer influência de estilos oficiais, como as diversas vanguardas ou imposições do mercado de arte. Segundo o próprio DuBuffet a *arte bruta* é entendida como:

[...] obras executadas por pessoas alheias à cultura artística, para as quais o mimetismo, contrariamente com o que se

passa nas obras dos intelectuais, tem pouca ou nenhuma contribuição, pois seus autores tiram tudo (temas, materiais para colocar na obra, meios de transposição, ritmos, fragmentos de escrituras, etc.) de sua profundidade, e não dos cânones da arte clássica ou da arte que está na moda. Nós assistimos à operação artística pura, bruta, reinventada no interior de todas as suas fases por seu autor, a partir somente de seus próprios impulsos. Falamos da arte que se manifesta só em função da invenção. (DuBuffet, 1986, p. 201-2)

Observando esse conceito podemos enquadrar muito bem Arthur Bispo do Rosário nele, pois apesar dele não se ver como artista e acreditar produzir em função de um novo mundo que estar por vir no pós-apocalipse, vindo do ponto de vista da arte, sem tentar enxergá-lo como louco, mas sim como artista, todo esse seu delírio pode ser visto como uma bela conceituação da sua inventividade espontânea, dos seus impulsos. É uma produção artística que está vindo apenas do interior do seu autor, sem nenhuma influência externa sobre “ser arte”, se trata tudo de uma profundidade proveniente do Bispo, até mesmo os materiais utilizados, tão pouco comuns para época. Nem sequer à raros grupos de terapia ocupacionais que existiam na época dentro dos manicômios ele se identificou. Pois por não se entender como artista não entendia seu espaço ali dentro, lhe dariam pinceis e telas ou argila pra esculpir e aquilo não fazia sentido para ele, que tinha em mente sua missão e sua produção a ser feita a partir apenas do seu interior, das suas vontades e das “vozes que mandavam”. Então nem sequer de grupos de terapia o Bispo foi influenciado para criar suas obras.

“Bispo do Rosário rompeu com os limites e não permitiu ser enquadrado nem por remédios, nem terapias, nem oficinas de terapia ocupacional. Com isto ele criou livremente, buscou e pesquisou incessantemente os seus suportes, lançando mão dos objetos ao seu alcance no cotidiano

asilar, os restos dos monturos deste depósito de monturos humanos.” (AQUINO, 2007, p.69 apud Jimenez, 2008, p.29)

2.2 ARTE VIRGEM

O conceito de *arte virgem* de Mário Pedrosa já foi criado para legitimar especificamente a arte dos enfermos esquizofrênicos. Apesar de mais tarde o próprio Pedrosa concordar que não há diferença entre arte de loucos ou não. O conceito de *arte virgem* foi proposto pelo autor com o objetivo de elucidar, ou melhor, de “dar forma” a produção artística daqueles pacientes. Pedrosa cria esse conceito pensando nas noções de primitivo e na teoria da Gestalt. O termo primitivo pode ser visto como pejorativo, porém também pode ser visto como algo na sua forma mais pura, e é a partir daí que o crítico entende a arte dos alienados. Para ele, os artistas “*virgens*” por viverem livres das regras acadêmicas, estariam, conseqüentemente, aptos a manifestar formas de origem inconsciente, mas que corresponderiam a valores estéticos objetivos. O fenômeno artístico dos esquizofrênicos era considerado, por ele, como natural. Pedrosa acredita que toda criação artística tira forças e formas das profundezas, do inconsciente e que os *artistas virgens* por não estarem presos a nenhum modelo de arte e por não terem pretensões de copiar o mundo, estavam prontos para manifestar as mais puras formas do inconsciente. E que por tudo se tratar de inconsciente não haveria distinção entre um artista esquizofrênico ou não.

Os dois estudiosos estavam em sintonia ao criar seus termos, DuBuffet pensando no contexto histórico da Europa, do pós guerra em que vivia e Mario Pedrosa pensando no contexto brasileiro das artes, que estava no seu processo de passagem para a arte moderna. E de fato, o seu conceito de *arte virgem* é muito importante para essa passagem, já que se desapega completamente das noções de arte figurativa, que era o que acontecia de uma forma geral com a arte do período, por isso também houve a possibilidade dessa arte dos enfermos ser reconhecida. Assim como ocorreu com Arthur Bispo do Rosário, que já no fim de sua vida foi reconhecido como artista, mesmo que não por ele. Se não fosse por esses estudos da época, pela passagem para a arte moderna, Bispo teria sido só

mais um dentro do sistema manicomial do Brasil. Mas não, ele foi encontrado, estudado e hoje é possível que seja reconhecido como vanguarda até mesmo da arte contemporânea no Brasil.



Fig. 07 – Obra de Arthur Bispo do Rosário na 30 Bienal de Arte, no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, 2012.

Fonte: <<http://entretenimento.uol.com.br/album/2012/09/03/confira-fotos-da-30-bienal-de-arte-de-sao-paulo.htm#fotoNav=28>>

3. ARTE-TERAPIA - NISE DA SILVEIRA

A comunicação com o esquizofrênico, nos casos graves, terá um mínimo de probabilidade de êxito se for iniciada no nível verbal de nossas relações interpessoais. Será preciso partir do nível não-verbal. É aí que particularmente se insere a terapia ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos fora do alcance das elaborações da razão e da palavra. O exercício de atividades poderá adquirir importante significação. Em vez dos impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhes oferecemos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e o mais eficaz. (Nise da Silveira, em painel no “Museu de imagem do inconsciente”, Rio de Janeiro).

Nise da Silveira foi uma psiquiatra que viveu na mesma época do Bispo do Rosário, e apesar de nunca terem se conhecido, estiveram muito próximos. A médica acreditava que esquizofrênicos não eram seres indiferentes e negava o “embotamento afetivo”¹ que a psiquiatria alegava. Ela entendia que alguns de

¹ Embotamento afetivo: Mecanismo de defesa do ego caracterizado pela retração emocional. A dificuldade de expressar sentimentos decorre da incapacidade de elaborar a experiência. O empobrecimento afetivo foi observado inicialmente em pacientes psicóticos, marcadamente na esquizofrenia onde por vezes observa-se o grau extremo de embotamento de toda sensibilidade afetiva que atinge toda a linguagem corporal (a mímica, a postura, a atitude, os gestos etc.). A observação mais acurada dos pacientes psicossomáticos revelou a existência de diferentes níveis de embotamento afetivo. Pode variar da incapacidade de perceber determinado sentimento relacionado com uma experiência até a abolição de toda a afetividade e não é específico de nenhum tipo de doença. É um mecanismo de defesa comum em pessoas que vivenciaram tragédias ou experiências traumáticas muito intensas. Curiosamente, no diálogo com pacientes com essa dificuldade pode acontecer do interlocutor sentir o que o paciente está incapaz de experimentar.

Fonte: <<http://www.medicinapsicossomatica.com.br/glossario/alexitimia.htm>>.

seus pacientes estavam em estágios tão graves da esquizofrenia que uma comunicação verbal seria impossível e que a terapia ocupacional era o único e apropriado modo de tratá-los. Além de usar a terapia ocupacional como prova de que seus pacientes tinham reações afetivas significantes; já que uma produção artística expressiva é uma demonstração incontestável de afetividades viva nos psicóticos. Em 1946 ela cria no hospital Pedro II, do Rio de Janeiro, uma “Seção de Terapia Ocupacional e Reabilitação” (STOR). Ali abre um ateliê de pintura, e mais tarde este cresce tanto que Silveira - apoiada pelo crítico de arte brasileiro Mário Pedrosa e do psicólogo suíço Carl Jung - vê a necessidade de criar um museu. Este é inaugurado em 1952 com o nome de “Museu de imagens do inconsciente”, que existe até os dias de hoje sediado na cidade do Rio de Janeiro.



Fig.08 – Museu de imagens do inconsciente em 2013.

Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/embriaguez_artistica/2013/03/uma-visita-ao-museu-de-imagens-do-inconsciente.html>

As pesquisas de Nise da Silveira tem especial importância para pensar o início da quebra de antigos métodos arcaicos no meio psiquiátrico, como a lobotomia, o choque elétrico, entre outros assustadores métodos antes usado. Nise da Silveira luta contra esses usando a arte como resposta. Em seus estudos ela usa o termo “Terapia ocupacional”, termo que pode ser um pouco restritivo para tão ampla e importante técnica de terapia. Quando se fala de terapia ocupacional, o que vem à mente nesse contexto é ocupar o esquizofrênico com algum exercício lúdico, para que ele consiga se distrair do insalubre ambiente psiquiátrico. Percebe-se que o que Nise da Silveira inicia em seus estudos, e põe em prática no seu trabalho, não é apenas uma distração para os seus pacientes, mas uma forma de acessar a mente deles usando a psicanálise junguiana como base, e de, através desses acessos, ajuda-los a levar uma vida melhor em nossa sociedade da razão.

A psicanálise surge como uma ciência capaz de teorizar e estudar o inconsciente e a ligação entre ela com a arte e a psiquiatria surge trazendo grandes enriquecimentos. No seguimento da arte a psicanálise tem grande influência na arte moderna, agindo fortemente no surrealismo e na arte abstrata. A psicanálise procura o que há em comum no artista de toda e qualquer arte de qualquer período histórico. Dando possibilidade aos artistas de entenderem sua própria arte a partir de outros que vieram e que ainda estão por vir. Podendo criar de forma menos individualista, agora dum ponto de vista universal e criativo. Já no âmbito da psiquiatria a psicanálise trás a visão de que a esquizofrenia não é só um mal que atinge alguns corpos, mas é uma doença do espírito humano, da profundidade do inconsciente e que ela pode chegar para qualquer um. É uma ciência que chega disposta à observar e não só observar mas trazer possibilidades de intervenções, até mesmo com a ajuda da arte, e é nesse momento de subjetividade teórica que surge com objetividade os centros de arte-terapia pelo mundo. Dispostos a intervir sobre aqueles que estavam abandonados, largados a tipos de terapia inconcebíveis e inumanas, como as já citadas lobotomia e choque elétrico. Nise da Silveira, caminhava no mesmo destino de pôr

fim a esse tipo de tratamento e encontra na psicanalise, especificamente a *junguiana*, parte de sua resposta.



Fig.09 – Nise da Silveira e C. G. Jung na inauguração da exposição do Museu do Inconsciente, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique - 1957. Foto: Almir Mavignier.

Fonte: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/encontro-com-jung.php>>

A esquizofrenia é, em geral, um diagnóstico clínico sem cura, e os antigos métodos rudimentares buscavam uma cura impossível, que faziam apenas aquietar a mente dos doentes até chegar um ponto em que eles se tornassem “mortos-vivos”, não pudessem mais conviver em sociedade e ficassem largados nos hospícios. O que Silveira busca em suas pesquisas é, ao invés de destruir essas mentes com potencial para o bel prazer de uma sociedade que apenas não conseguia entendê-los, ajudar os seus pacientes a viver sob essas circunstâncias.

O meio que ela encontra para se comunicar com eles é o meio artístico, o da comunicação não verbal. Descobre na psicanálise *junguiana* um apoio perfeito, já que Jung usava da comunicação não verbal para analisar e acessar a mente de seus pacientes.

Nos dias de hoje existe o conceito de arte-terapia que se encaixa perfeitamente nas descobertas de Nise da Silveira de algumas décadas atrás. O termo “arte-terapia” parece mais adequado para a situação, então será trazido na pesquisa sempre o uso desse segundo, e não o de terapia-ocupacional como usava a psiquiatra.

Nas pesquisas foi encontrado também o termo Gestalt-terapia, que é a terapia do contato, para nos darmos conta do nosso processo como pessoa e que podemos e devemos ser criativos no modo que enxergamos e vivemos o mundo a nossa volta. É uma terapia de busca da ampliação da consciência do indivíduo sobre si. A teoria da Gestalt afirma que: “(...)criar é formar. O ato criador abrange a capacidade de compreender e com isso de ordenar, relacionar, significar e configurar. É na procura de significados e ordenações que o estímulo humano de criar se originaria, ou seja, na tentativa de compreender a vida, o homem seria impulsionado a formar” (Motta, p.04, 2007). A Gestalt-terapia seria justamente esse exercício de criar para ajudar a se compreender.

Esse conceito é necessário, já que busca-se mostrar que o processo de criação de Arthur Bispo do Rosário era uma espécie de “auto-análise” terapêutica. Nesta ele buscava justamente uma ampliação da consciência dele sobre si mesmo, através da observação criativa do mundo a sua volta, que provocaria nele o seu delírio e sua produção artística. Ele não tinha consciência disso, mas é possível que inconscientemente produzisse para se manter são diante da nova-realidade/delírio que criou e até mesmo para se manter vivo, já que ele já tinha matado simbolicamente o seu Eu-indivíduo em meio ao seu delírio de ser um messias escolhido por Deus. Com o seu Eu indivíduo morto, o que lhe mantinha vivo era sua missão de messias, o de criar o novo mundo, uma justificativa para criar, se expressar e viver da sua forma e dar forma a sua vida.

4. ARTE CONTEMPORÂNEA – VANGUARDA

“É o universo construído por Bispo que o qualifica como artista”. (BURROWES, 1999, p. 55)

Arthur Bispo do Rosário teve uma produção criativa livre e espontânea, vinda do interior do seu ser, independentemente de doenças. O seu trabalho chama a atenção e se relaciona com a arte contemporânea não pelas formas e cores expressivas, mas pelo material utilizado, pela quantidade imensa de obras, pela técnica do bordado tão impecável e inesperada em obras de arte. Canton, pesquisadora de arte contemporânea chama a atenção para características esquizofrênicas que adicionaram riqueza ao seu trabalho:

“Essas características esquizofrênicas percebidas na sua produção serviram para incrementar a forma compositiva escolhida por ele. A compulsão, componente esquizofrênico, fez com que ele produzisse durante toda a sua vida, criando uma diversidade muito grande de peças com alto grau de sofisticação; o discurso místico lhe conferiu uma dose de mistério e santidade e a fragmentação do discurso imprimiu a sua obra uma “narrativa enviesada” (CANTON, 2001, p.29)

Essa “narrativa enviesada” trazida por Canton trata-se de um conceito-tema que ela usa e considera importante para classificar e relacionar à arte contemporânea, são discursos não lineares, sem começo, meio e fim bem definidos, e que não necessariamente chega a uma resolução final. É quando vários elementos são apresentados caoticamente ao observador que a cada nova observação tem uma nova possibilidade percepção e entendimento, criando assim sempre novas obras. Podemos enxergar no discurso de Arthur Bispo do Rosário uma narrativa dessa natureza, não-linear, criativa e fragmentada, chegando segundo Jimenez até mesmo a relacionar-se com a poesia. Os elementos de sua obra não tem nenhuma linearidade e estão relacionados a diversas histórias fora de ordem cronológica de sua vida desde Japarutuba até o pavilhão 11 Ulisses

Viana na Colônia. Símbolos da vida como sinaleiro da marinha, boxeador, esquizofrênico, trabalhador doméstico, menino-criança no interior do nordeste, e etc se misturam em sua obra com uma riqueza e beleza que chama atenção em qualquer perspectiva da arte contemporânea.



Fig. 10 – Arthur Bispo do Rosário segurando um dos seus estandartes, onde ele através dos seus bordados retratava pedaços de “suas vidas” e do seu imaginário, criando um narrativa enviesada.

Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/promiscuidade_artistica/2014/04/arthur-bispo-do-rosario-a-salvacao-pela-arte.html>

Levantam-se conceitos como o de arte contemporânea e vanguarda, para perceber como pôde existir o artista Arthur Bispo do Rosário no contexto da história da arte em que ele vivia. O Bispo podia não saber, mas ele estava antenado as maiores tendências da vanguarda de arte do mundo da época dele, e por isso assim que foi descoberto na década de 80 foi logo tratado como artista. Foi possível esquecer sua existência como louco naquele contexto para torná-lo

artista, gênio, dono da mais sublime e pura arte. A arte contemporânea transcendeu vários antigos tabus da arte e diferente da sua antecessora, a arte moderna, não tinha objetivo de redimir e sim de contar sobre a vida em suas pequenas e grandiosas possibilidades, em suas estranhezas, banalidades e surpresas. E é aí que a arte em si pôde ser pensada como objeto de transcendência a vida a qual documenta, ela não cria preconceitos e não limita o “ser arte”, nem das mais primitivas das artes, até as mais modernas. Logo, também não limita ou faz distinções entre o artista sã e o artista “louco”, isso não significa nada no “ser arte”. Além de que, a barreira entre sanidade e razão é sempre muito fina e maleável.

Frayze-Pereira em seu artigo: “Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política”, de 2003, pensando em Dubuffet e sua ideia de *Arte Bruta* diz:

[...] como pensava Dubuffet, não vê muito sentido na questão *arte-loucura*, considerada abstratamente, pois em primeiro lugar, não está claro, nem nunca estará, o que se quer dizer com essa expressão. Além do mais, a arte transcende, ou melhor, ignora a diferença entre as frágeis fronteiras da sanidade e da loucura, como ignora a diferença entre primitivos e modernos. Nas composições desses artistas, cujo diagnóstico é frequentemente sem esperança (esquizofrenia incurável) cumprem-se as duas exigências da arte: “ser a destruição da comunicação comum e ser a criação de uma outra comunicação”. Isto é, ser a instauração de uma comunicação incomum. (Frayze-Pereira, 2003, p. 205)

Otávio Paz ao visitar a exposição *Art Brut* em Washington(1987) diz: “tais obras não fazem pensar na clausura em que está encerrado o esquizofrênico, nem na galeria de espelhos da paranoia – são ressurreições do mundo perdido de seu passado e os caminhos secretos para chegar a um outro. Que é esse outro

mundo? Difícil saber". Nessa afirmação percebemos que tanto faz para Paz se o artista é esquizofrênico ou em plena sanidade, não dá pra perceber isso em suas obras, o que percebemos é um mundo criado e conceituado mesmo que inconscientemente pelo artista. É a criação através da destruição do óbvio para o nascimento de algo novo, criativo e incomum.

[...] Quem é normal? Onde está o homem normal? Mostremos! O ato da arte, com extrema tensão que ela implica, a alta inquietação que a acompanha, pode ele ser normal? [...] não há arte de loucos mais que a daqueles que sofrem de disfunção digestiva ou dos que sofrem do joelho. (Dubuffet, 1986, p.222).

Para Canton, professora doutora em arte contemporânea, há outra característica que qualifica a arte contemporânea e que é muito presente na vida e obra do artista em questão, que é o “Não-Lugar”, um conceito que caminha ao lado da narrativa enviesada, por exemplo. Este conceito baseia-se na falta de um espaço específico em vários sentidos. Pode ser na ausência de um lugar para a obra, ou na ausência de um lugar para o conceito ou até mesmo no caso de Bispo a ausência de um lugar em toda sua trajetória que gera um vazio de espaços em sua obra. Arthur Bispo assim que saiu de Japaratuba, que ele mesmo nega como um lugar seu no fim da vida, entrou na marinha e viveu pela primeira vez o seu não-lugar, que é mar, um espaço que está sempre em movimento, que é ilimitado, que nunca foi dominado, e que não é de ninguém. Após essa experiência é demitido e vai trabalhar numa empresa de transporte, onde também estava sempre em movimento, além de que sempre trabalhou em troca de comida e moradia, tanto nesse, como em outros trabalhos seguintes, na casa da família Leone e na clínica, e esteve vivo sempre em um lugar emprestado, nunca seu. Por último vai viver na Colônia, um lugar da falta de razão, que não é de ninguém e ninguém quer pertencer a ele, mas que foi talvez o único lugar onde o Bispo se encontrou, onde ele transformou o que havia de pior do ambiente em seu melhor, na sua produção, que acaba por se tornar uma obra do não-lugar, esvaziada de

espaço e linearidade encaixa-se bem nos conceitos de arte contemporânea.

Segundo Duchamp, artista conhecido por ser o “inventor” da arte contemporânea e que é contemporâneo ao Bispo do Rosário, são os espectadores que realizam as obras. Para ele, na arte, não importa quem faça ou porque o faça, é quem vê que a classifica como arte ou não. Os críticos de arte nesse momento ganham uma grande importância, e por isso Mário Pedrosa foi tão importante no acompanhamento das pesquisas de Nise da Silveira com seus pacientes e na criação do Museu Imagens do Inconsciente idealizado pela psiquiatra. Foi através de Pedrosa que foi possível levar obras dos pacientes enfermos de Nise da Silveira até o MoMA (Museu de Arte Moderna) em Nova Iorque para exposições, por exemplo. Para Nise não importava muito se seus pacientes podiam ser classificados como artistas ou não, ela estava em busca de ajudá-los em suas doenças. Enquanto Mário Pedrosa brigava em jornais para dizer que Esquizofrênicos, “loucos” podiam sim ser também artistas.

“Mais do que à imaginação de bispo, é a nossa que seu trabalho faz apelo” diz Martha Dantas (p. 09, 2009). Afinal, ela é arte apenas para o espectador que a qualifica como *bruta* ou *virgem*, tendo por referência a própria história da arte. Se a arte de Bispo, para vir a ser vista, precisa ser conhecida e pensada como *arte bruta*, isso a torna uma construção da crítica culta, construção que necessariamente aliena Bispo do Rosário da sua loucura para consagra-lo artista, ainda que bruto. Podemos até mesmo observar que na maioria dos estudos existentes sobre Bispo os autores o mencionam muito mais como artista do que como louco, não que eles desconsiderem o fato da loucura, mas percebem que arte de Bispo é muito mais poderosa do que sua loucura.

“Sua Missão passa a ser tida como a própria “forma” da obra, ou seja, para além de ser o atributo de sua demência, torna-se a linguagem do artista. Com isso, Bispo do Rosário passa a ser entendido como o reflexo de um movimento que busca romper as barreiras que distinguem as produções dos “loucos” e dos “normais” e mais, entre modernos e contemporâneos.” (FRANCO, 2011, p. 16)



Fig 11 – Roda da Fortuna – Arthur Bispo do Rosário.



Fig. 12 – Roda de bicicleta – Marcel Duchamp (1913).

Fonte: <http://louborghetti.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>

Além de que o fato de que ser considerado louco o privou de algumas críticas. Na década de 70/80 ainda havia muita instabilidade entre os críticos para o recebimento dessa nova arte que entrava em vigor, a arte contemporânea e vários artistas ainda foram criticados muito negativamente neste meio tempo, coisa de que Bispo era privado na maioria das vezes, pois nesse momento ele podia ficar escondido atrás da sua máscara da loucura. Bispo em meio às condições mais devastadoras, vivendo em um hospício, num ambiente insalubre e de exclusão, conseguiu reverter a situação e usar do espaço como um ambiente perfeito para sua expressão e auto-descoberta do seu novo ser. Talvez fora dali ele teria sido destruído e criticado por suas obras, mas ali ele pôde ser apenas ele mesmo, só mais um louco. E a verdade é que tanto faz o que os loucos fazem, eles são loucos. E usando dessa brecha Bispo consegue espaço para se

expressar e fazer a suas obras como bem entende, livre da pressão da arte institucional que paira sobre os artistas sãos. Mais tarde para a arte contemporânea é compreendido bem, como eu já disse, não faz diferença o autor da obra ser são ou louco, o que importa são as obras em si e como isso pode tocar seu expectador. Porém na prática do fazer arte, talvez bispo estivesse na vantagem expressiva por ser louco, incompreendido, e ter ficado completamente livre em seu processo.

“Tratar suas obras como arte, em especial com os diálogos que elas criam com os moldes contemporâneos de arte, parece garantir um espaço mais razoável para aquilo que a psiquiatria julga como insanidade. Assim, as obras são retiradas de suas características doentes, mas o louco é deixado em sua biografia louca: o discurso de Bispo do Rosário, em si, se torna um amontoado de falas sem sentido; mas suas obras, pela capacidade de diálogo, podem figurar no meio artístico.” (FRANCO, 2011, p.33)

5. ANÁLISE DE OBRA: MANTO DA ANUNCIAÇÃO



Fig. 13 – O Manto da Anunciação

Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2012/11/bispo-do-rosario.html>

“Se é um manto ou não, pode parecer uma questão sem importância. Não obstante, a designação ‘manto’ encobre a natureza do arquétipo social sobre a qual Bispo do Rosário elaborou. Esta obra nasce da imitação de uma peça do vestuário da nobreza: parte da roupa de um rei, ou de um general do exército real. Só o paletó interessa, pois nele se concentram os elementos simbólicos ostentatórios de poder e nobreza, como dragonas, bordados, condecorações [...] o que temos aqui é a apropriação pelo artista de um objeto-símbolo que a seus olhos traduz riqueza, beleza, nobreza.” (GULLAR, 2003, p.111 apud JIMENEZ, 2008, p.55)

Este capítulo é dedicado ao análise da obra dita como a mais importante do acervo do Bispo, o “Manto da Anunciação”. Produziu vários casacos, usando

lençóis da Colônia para confeccioná-los, feitos todos nas suas medidas, eram pra usar em dias especiais. Andando pela Colônia com seu casaco passava um ar de superioridade aos outros pacientes. Seus casacos se pareciam com fardamentos militares, com insígnias, condecorações e faixas nas mangas. Ele usava-os como um uniforme, mas de alguém muito importante, um general, um almirante, um rei, um messias mandado por Deus. Quando o vestia deixava de ser um interno, um paciente, um louco, e passava a ser alguém que almejava respeito em qualquer lugar onde estivesse.

O Manto da anunciação é especialmente mais importante, pois na análise de sua obra vemos no manto um compilado de seus signos. Os bordados, com desenhos e frases que fazem referências a várias fases de sua vida, de quando era marinheiro, boxeador, das pessoas que conheceu durante a vida em seus trabalhos ou até mesmo já dentro da Colônia. Aparecem símbolos que permeiam toda sua obra como rosa dos ventos, insígnias e bandeiras que remetem sua vida de marinheiro, por exemplo.

“Desvendar os mistérios do Manto da Apresentação é uma aventura lúdica. A cada olhar aparecem novos símbolos, bordados com perfeição. Figuras se materializam, imagens do inconsciente surgem de uma velha manta do hospício.”
(HIDALGO, 1996, p.148)

É uma obra muito requintada, cheia de minuciosos detalhes com palavras e desenhos bordados que ornaram caoticamente em harmonia estética. As diversas formas e cores se misturam e no fim parecem fazer parte de uma mesma unidade, todo bordado por dentro e fora e com alguns cordões de espessuras diversas pendurados. Por dentro é todo bordado de azul sobre um fundo branco com vários nomes em sua maioria de mulheres, que ele alegava serem pessoas para ser salvas no dia do julgamento final.



Fig. 14 – Manto da Anunciação por dentro.

Fonte: <http://www.editoradobrasil.com.br/porta1_educacional/fundamental2/projeto_apoe/ma/portugues/capa.aspx>

“Com ele Bispo se torna o enviado de Deus, o rei negro, o santo e o almirante ao mesmo tempo. Também se converte na figura do personagem do Maracatu que sai às ruas com seu grande manto para festejar o dia de Reis.” (JIMENEZ, 2008, p. 73)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou a compreensão da relação entre arte e loucura, em alguns momentos contestada por alguns autores como Jean Dubuffet. A arte no seu fazer é capaz de ignorar a loucura tão bem que ela perde total relevância em certo momento. No caso específico de Arthur Bispo do Rosário, pôde-se observar a importância da vasta, rica e bonita obra do artista, considerada no contexto da sua loucura. É inegável o seu estado psíquico. Se do ponto de vista da arte a loucura é irrelevante, do ponto de vista da loucura a arte não o é, a arte é poderosa e pôde na vida de Bispo ter um papel imprescindível.

O antigo Eu de Arthur Bispo do Rosário é dissolvido em sua esquizofrenia e um novo Eu criador surge. Bispo ao mesmo tempo em que se perde, se procura e se acha no fazer artístico, ele necessita da arte como necessita de água para beber, pois é ela que o mantém vivo nesse mundo, ela passa a ser toda a razão do seu viver. Quando não se tem mais um Eu para vestir e viver, consequência de uma possível e diagnosticada esquizofrenia paranoica, Bispo se submete às “vozes”, que com razão e em prol de um resto de razão que havia em Bispo fazem-no criar.

Isto é, o ato de criar relaciona-se à identidade, ao ato de se conhecer. Arthur Bispo entra nesse exercício de através de suas obras e do seu discurso dar forma e sentido a tudo em busca de se compreender, sendo que a compreensão de Bispo sobre si não é do seu passado de marinheiro, criança em Japaratuba ou doméstico na casa da família Leone, ele busca esquecer-se disso, matar completamente o seu antigo Eu para poder dispor integralmente e com o poder entendido do novo.

Arthur Bispo do Rosário, nem sequer entende-se como artista, usa a arte para matar e viver. É como uma experiência de vida pós-morte, Bispo não teria tido a oportunidade de encontrar um novo Eu para viver, pois só o seu impulso de criar é que lhe possibilitou isso. Podemos entender isto como uma “auto-análise” terapêutica já que segundo Nise da Silveira, a arte era um meio não verbal e direto de alcançar as mentes dos esquizofrênicos. Bispo apesar de não ter tido

acompanhamento de uma psiquiatra terapeuta para tratamentos psicológico e/ou psiquiátrico, tornou-se inconscientemente seu próprio terapeuta, obrigando-se, e sendo obrigado pelas “vozes”, a criar.

REFERÊNCIA

ARTAUD, A. *Van Gogh, o suicidado da sociedade*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1993a.

_____. *A arte e a morte*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1993b.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAGA, A. *A reinvenção da arte: Arthur Bispo do Rosário – Michel Duchamp*. Disponível em: <www.alfredo-braga.pro.br/ensaios/reinvencao.html>. Acesso em: 25 set. 2015. 8p.

BURROWES, P. *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

CANTON, Kátia. *Novíssima Arte Brasileira*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. *Narrativas Enviesadas*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASTELLO, J. Arthur Bispo do Rosário: O mordomo do apocalipse. In:_____. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CAUDURO, F. V. . *Design e transgressão*. In: Revista FAMECOS , v. Dezembro, n.16, p. 101-110. Porto Alegre: 2001.

COELHO, T. A arte não revela a verdade da loucura, a loucura não detém a verdade da arte. In:_____. ANTUNES, E.H., BARBOSA, L.H.S., PEREIRA, L.M de F. *Psiquiatria, loucura e arte: Fragmentos da história brasileira*. São Paulo: Eduso, 2002.

Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, XI, 2008, USP – São Paulo. Escritos Brutos e Outros Escritos: A “Experiência Limite” em Questão. DANTAS, Martha. São Paulo, 2008.

CORR A, D.A. *Arthur Bispo do Rosário: Sua trajetória como artista plástico*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus,

1981.

DANTAS, Martha. *Arthur Bispo do Rosário: A poética do delírio*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DIONISIO, G. H. *A psicologia da forma e as imagens do inconsciente*: de Mário Pedrosa a Nise da Silveira. *Psicologia: discência e pesquisa*, UNESP - Assis -, v. II, n.2, p. 35-45. São Paulo: 2000.

DUBUFFET, J. *Prospectus et tous écrits suivants*. Paris: Gallimard, 1986a. v.1.

_____. *Prospectus et tous écrits suivants*. Paris: Gallimard, 1986b. v.2.

FERRAZ, M.H.C. de T. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

FOCAULT, M. *História da Loucura: Na idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005

FRANCO, Stefanie Gil. 22 Dezembro 1938 – Arthur Bispo do Rosário: um estudo antropológico sobre arte e loucura. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FRANÇA, M.I. *Psicanalise, estética e ética do desejo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FRAYZE-PEREIRA, J. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. A propósito dos vestígios de Arthur Bispo do Rosário. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 15 set. 1990, Caderno Letras, p. 4-5.

_____. Loucura: entre história e estética. *Arteria*, Santos, v.1, n.0, p.24-32, jan. 1990.

_____. *Olho d'água: arte e loucura em exposição*. São Paulo: Escuta, 1995.

_____. *Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n.49, p. 197-209, 2003.

FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Obras completas, 1)

_____. *A interpretação dos sonhos*. 2.ed. Dir Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. V.1.

_____. *O mal estar da civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de

Janeiro: Imago, 1997.

GOMPERTZ, Will. *Isso é arte?: 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HIDALGO, L. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JIMENEZ, Rita de Cássia. *Arthur Bispo do Rosário no panorama da arte contemporânea*. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

KRIS, E. *Psicanálise da arte*. Trad. Marcelo Corção. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LACAN, J. O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência. In: _____. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Trad. Aluisio Menezes, Marco A.C. Jorge, Potiguara M. da Silveira Júnior. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

LÁZARO, W. (Org.). *Arthur Bispo do Rosário: século XX*. Rio de Janeiro: Papel e Tinta, 2006.

MAGALHÃES, Alex W. L. *Freud dialogando com as artes: A estética no pensamento freudiano*. In: III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de psicopatologia Fundamental, 2006, Belém – PA. Anais do II Congresso Internacional de psicopatologia Fundamental, 2006.

MELATTI, J.C. O mito e o xamã. In: LÉVI-STRAUSS, C. et al. *Mito e linguagem social: ensaios de antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MOTTA, G. C. . *A construção do conceito de arte virgem no pensamento de Mário Pedrosa*. In: XXIV Semana de História, 2007, Assis. XXIV Semana de História, 2007.

PEDROSA, M. *Forma e percepção estética: textos escolhidos II*. Organização de Otilia Arantes. São Paulo: Edusp, 1996.

RIVERA, Tania. *O avesso do imaginário: Arte contemporânea e psicanálise*. 2.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da loucura*. Trad. Paulo S. Brandão. 2.ed. São

Paulo: Martin Claret, 2008.

SANTOS, M.A. Costurando memórias: *Arthur Bispo do Rosário e a recriação do universo*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, J.A. *Arte e loucura: Arthur Bispo do Rosário*. São Paulo: Educ, 1998.

SILVEIRA, N. *imagens do inconsciente*. 4.ed. Brasília: Alhambra, 1981.

_____. Crise e tentativas de mutação na psiquiatria atual. In: _____. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

Vídeo

DENIZART, H. *Prisioneiro da passagem*. Rio de Janeiro, 1982. Documentário. 1 videocassete, VHS.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CAMILLA SEREJO DE FARIAS

AÇÃO PEDAGÓGICA

**NATAL – RN
2016.1**

ATESTADO

Atesto que as informações contidas neste documento estão corretas e são válidas para a efetivação da ação pedagógica obrigatória para a conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo seu autor.

Natal, 10 de Julho de 2016.

Profa. Dra. Maria Helena Braga e Vaz da Costa
Orientadora

AÇÃO PEDAGÓGICA

A ação pedagógica ocorreu no dia 14 de junho de 2016, na sala L do prédio anexo do Departamento de Artes da UFRN, no horário das 14:00 horas. A ação se deu no formato de um diálogo com a participação de Pollyanne Figueiredo falando um pouco sobre sua pesquisa e experiências no Hospital Psiquiátrico João Machado, localizado no bairro Tirol em Natal – RN. Trazendo uma visão diferente da arte e loucura para acrescentar diferentes conhecimentos ao diálogo.



Um diálogo sobre arte e loucura com Camilla Serejo

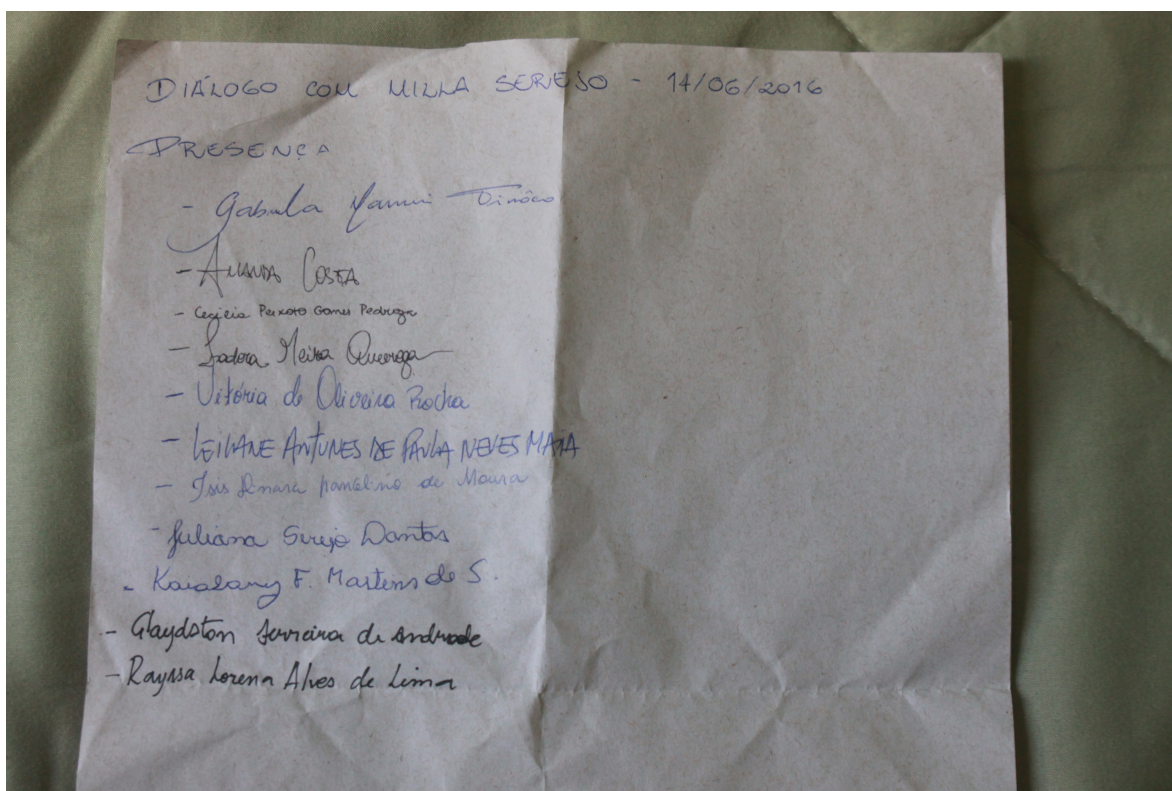
“Arthur Bispo do Rosário:
O uso da arte e so delírio para viver”

Com participação de Pollyanne Figueiredo,
falando um pouco da sua experiência
sobre obras artísticas dos internos do
Hospital João Machado.

Data: 14/06/2016
Horário: 14 horas
Local: Sala L do Deart, na UFRN

Cartaz de divulgação do evento

A divulgação da ação se deu por meio de redes sociais pessoais, compartilhada em diversos grupos de interesse, semanas antes do evento. Possibilitando a quem tivesse interesse no assunto participar da conversa, conhecer sobre a vida e obra do artista Arthur Bispo do Rosário com reflexão sobre a arte e loucura, o uso da arte pelo artista em questão e um pouco sobre arte contemporânea. Além dos assuntos trazidos pela convidada, Figueiredo, após relatar sua experiência no Hospital psiquiátrico trouxe indagações sobre este ambiente e sobre como a arte-educação pode, deveria e como age de fato dentro dele.



Lista de presença

O evento contou com a presença de um pouco mais de 10 pessoas (Lista acima) que participaram, dialogaram e discutiram sobre o tema, a ação foi muito proveitosa, pude pela primeira vez escutar várias e diversas opiniões sobre aquilo que foi estudado e pesquisado tanto tempo. Várias coisas se esclareceram naquele momento, outras se tornaram mais complexas e profundas do que

conseguia compreender. A conversa se estendeu por viés nunca imaginados e que faziam sentido e tornavam ainda mais sólida a pesquisa. A presença de Figueiredo trazendo o tema dos ambientes hospitalares psiquiátricos a tona foi sem dúvidas enriquecedor, sua experiência e relatos do João Machado foram tristes, mas ao mesmo tempo inspiradoras, pois percebemos como na prática a arte pode ser poderosa se bem usada nesses ambientes.



